DOI: 10.20911/21799024v13n1p33/2022

Pós-modernidade e experiência de Deus: a mística cristã como caminho

**Postmodernity and the experience of God:
christian mysticism as a path**

Eliseu Donisete de Paiva Gomes ¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo evidenciar a mística cristã como caminho para a experiência de Deus na pós-modernidade. O contexto atual marcado pela crise de sentido e por uma profunda incredulidade, desafiam o cristão de hoje na busca de um caminho espiritual sólido e perene. A partir das reflexões do teólogo espanhol Juan Martín Velasco, procurasse em primeiro lugar elencar os desafios para esta experiência religiosa de Deus. Em seguida, detectar as brechas que se apresentam como oportunidades para tal experiência. E por fim, conclui-se acenando para a mística como o horizonte que melhor responde ao cenário pós-moderno, conduzindo o cristão de hoje a uma autêntica experiência de Deus.

Palavras-chave: Mística cristã. Experiência de Deus. Pós-modernidade.

Abstract: This article aims to highlight the Christian mysticism as a way to experience God in post-modernity. The current context, marked by the crisis of meaning and by a deep incredulity, challenge the christian of today in the search for a solid and perennial spiritual path. Based on the reflections of the spanish theologian Juan Martín Velasco, i sought, first of all, to list the challenges for this

1 Mestrando em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bolsista CAPES. Bacharel em Filosofia (FDLM). Participa do Grupo de Pesquisa Fé Cristã e Contemporaneidade da FAJE.

religious experience of God. Then detect the gaps that present themselves as opportunities for such an experiment. Finally, it concludes by pointing to mysticism as the horizon that best responds to the postmodern scenario, leading today's christian to an authentic experience of God.

Keywords: Christian mystique. God experience. Postmodernity.

Introdução

O termo pós-modernidade é ainda muito questionado pelos estudiosos, de maneira que sempre é difícil arriscar uma definição do que seria este termo. Na esteira do filósofo italiano Gianni Vattimo, Martín Velasco considera esse fenômeno como uma época de desencanto com as promessas da modernidade, tais como: "a crise de evidências, dos valores, bem como uma radicalização dos objetivos que a modernidade havia proposto" (VELASCO, 1996, p. 9). Muitos pensadores acreditam que a pós-modernidade seja uma radicalização da modernidade.

É possível que neste tempo, marcado pela perda do sentido, da crise das instituições, da secularização das culturas, de grande crescimento da incredulidade, sobretudo através do agnosticismo e da indiferença, haja possibilidade para se realizar a experiência de Deus? Em caso afirmativo, em que circunstâncias se dariam essas experiências? Não seria esse cenário também uma oportunidade para levar a termo a expressão de Karl Rahner: "O cristão do século XXI ou será místico ou não será cristão"? (RAHNER, 2004, p. 78). Eis algumas perguntas que tentaremos responder a partir da reflexão do teólogo e filósofo da religião, o espanhol Juan Martín Velasco.

1. Desafios para a experiência de Deus na pós-modernidade

Martín Velasco pontua que o primeiro desafio para a experiência religiosa na pós-modernidade é a situação de eclipse natural de Deus (VELASCO, 2001, p. 17), como adverte Martin Buber: "Existe um eclipse de Deus, assim como existe um eclipse do sol. E a hora em que vivemos é a hora de um eclipse assim. [...] É uma hora de irrealização de Deus, e enormes poderes estão trabalhando para tirar à humanidade a realidade de todas as realidades" (BUBER, 2007, p. 141). De acordo com Velasco, esse desafio remete à secularização, que retirou tanto da realidade natural, quanto da vida pessoal e social as *pegadas* de Deus, aqueles sinais, indícios que nortearam a vida do ser humano na sua experiência religiosa com o Absoluto ao longo da história. O processo de secularização da cultura é irrefreável e atinge não só a religião, mas também a ordem social e da razão, os valores éticos, de forma que o ser humano vai ficando surdo, numa total indiferença, e "logo se vê *sem notícias de Deus*" (VELASCO, 2001, p. 19).

Outro desafio é o chamado *silêncio* de Deus que nos últimos tempos tornou-se mais forte. Aliás, a sua evocação se dá na modernidade, sobretudo com

as vítimas inocentes das guerras mundiais, do holocausto, e de tantas situações de injustiça e exclusão. Onde está Deus diante do clamor dessas vítimas? Por que Deus permitiu essas atrocidades? Como Deus foi capaz de ficar indiferente, por exemplo, diante de milhões de judeus que foram mortos nos campos de concentração? Essas perguntas e outras expressões, vão servindo como justificativa para confirmar a ausência. Na percepção de Velasco, saímos da assertiva *Deus está neste lugar* para a pergunta: *Onde está teu Deus?* Como pode não se fazer presente diante de tanta maldade?

No contexto da pós-modernidade deparamos também com um outro desafio, a injustiça. Esse seja talvez o maior obstáculo que ratifica o ocultamento de Deus. Como aceitar um mundo dividido entre pobres e ricos? Enquanto bilhões de pessoas vivem com pouco ou quase nada, algumas dezenas de pessoas têm em mãos quase toda a riqueza do planeta. Toda essa situação de injustiça afeta a imagem e a compreensão de Deus. Perante tal cenário marcado pela ausência de Deus por todos os lados, como é possível ainda fazer a experiência dele?

Antes, a companhia de Deus nunca faltou. Deus estava ao lado daquele que sofreu a injustiça, pedindo ativamente sua renúncia, ao lado daquele que foi explorado, pedindo-lhe paciência. Era um Deus sempre à mão, que poderia estar reunido em todos os momentos, sem medo de perturbá-lo. Era como o paraquedas que fica preso embaixo do assento, ao voar de avião, caso seja necessário usá-lo em uma emergência. Ele era o Pai amoroso e a mãe terna que consolava. O que agora foi imposto foi o *desamparo de Deus*. Antes, a notícia de Deus nos alcançou em todos os lugares. Hoje ela parece não chegar a lugar nenhum (TAMAYO, 2005, p. 3).

2. Possibilidades para a experiência de Deus na pós-modernidade

Após o breve percurso pelo cenário da pós-modernidade, constata-se que, embora seja de desencanto, de crise de sentido, de fragmentação há um *retorno do religioso*, mas um *religioso* sem as mediações das chamadas religiões institucionais. A religiosidade pós-moderna é marcada pela experiência subjetiva, em que o sujeito por meio da *"bricolagem religiosa"* (HERVIEU, 2008, p. 22), se apropria de elementos das várias tradições religiosas, como que uma colcha de retalhos, e faz disso a sua experiência de Deus e porque não, sua própria religião.

Martín vê nesse cenário alguns *preâmbulos existenciais* que tornam possível o sujeito realizar uma experiência religiosa no contexto pós-moderno. É preciso estar de *olhos abertos* pois Deus não aparece a qualquer olhar, ou seja, para perceber a presença d'Ele, "a pessoa precisa se libertar da dispersão, da superficialidade e da multiplicidade, passando para uma postura de concentração, profundidade e unificação" (VELASCO, 2001, p. 30). Essa é a primeira exigência que o autor pontua como necessária para a experiência de Deus.

Um segundo preâmbulo existencial é que Deus não aparece a um olhar anônimo, mas sim a um olhar personificado, mediante uma relação afetiva com a pessoa. A experiência religiosa não pode ser marcada por um olhar superficial,

de uma pessoa que se contenta com uma relação *barata* com o Absoluto, ao contrário, deve estar permeada de encantamento e profundo desejo de se unir a Deus, que chama, convida e dialoga conosco.

Velasco ainda pontua que Deus não se manifesta a uma pessoa dominada pelo interesse, pela ganância, que se preocupa apenas em olhar para si. Ao contrário, a experiência de Deus se dá na gratuidade, no desprendimento, na liberdade interior, num olhar total de entrega e confiança radical do eu para o Tu.

3. A mística cristã como caminho para a experiência de Deus na pós-modernidade

O sujeito pós-moderno resiste às explicações dogmáticas e morais sobre Deus no campo da fé, pois são verdades impostas pela autoridade externa. No entanto, o sujeito permanece aberto ao mistério da transcendência do Absoluto, e deseja fazer a experiência d'Ele, mas por outras vias, distintas das tradicionais. E é justamente aí que entra a mística, que traz consigo a força de atrair e contagiar a pessoa para que ela possa fazer uma experiência mais narrativa e simbólica do inefável. É como diz padre Carrara: "O mistério inefável que a mística anuncia se revela mais consistente do que qualquer explicação racional sobre Deus. "A sua linguagem proporciona mais o *sabor de Deus* do que o *saber sobre Deus*" (CARRARA, 2016, não paginado).

A experiência mística não é algo exclusivo de um grupo seletivo de pessoas, por isso mesmo, é importante ajudar as pessoas a redescobrir e a viver a transcendência em absoluta consonância com a descoberta moderna da subjetividade, abrindo, assim, caminhos de respostas perante as dificuldades que esta experimenta em relação à aceitação dessa transcendência, por vê-la como um perigo de alienação para o sujeito, sua autonomia e sua liberdade.

Dentro deste cenário a mística cristã torna-se caminho não só para a experiência de Deus, mas também para humanizar a sociedade pós-moderna. É como recorda São João da Cruz, tantas vezes citado por Velasco:

O estado de união consiste na transformação total da vontade humana na divina, de modo que nela nada haja de contrário a essa vontade, mas seja sempre movida, em tudo, pela vontade de Deus. Por isso dizemos que, nesse estado, as duas vontades formam uma só – a de Deus. [...]. Para possuir Deus plenamente, é preciso nada ter; porque se o coração pertence a ele, não pode voltar-se para outro (CRUZ, 2007, p. 26).

Nesta mesma perspectiva Martín Velasco assim se expressa sobre a mística: "Que forma podia revestir o Invisível para aparecer a nossos olhos? Nenhuma palavra humana poderia revelar o inefável; nenhuma ideia poderia transmitir o conteúdo do Mistério insondável; ninguém seria capaz de revelar-nos o Totalmente outro" (VELASCO, 1993, p. 219).

Martín Velasco propõe algumas pistas para que a vivência da mística possa levar a uma experiência de Deus no contexto da pós-modernidade.

A primeira observação de Velasco para uma experiência mística cristã de Deus na pós-modernidade é que ela passe pelo enfrentamento da injustiça social. Pois a experiência de Deus, que é o eixo da vida cristã, está inseparavelmente ligada à experiência efetiva de amor ao próximo. É como disse o saudoso João Batista Libânio: "Só um cristianismo samaritano, cheio de misericórdia e acolhida, expurgando todo ranço inquisidor, tem futuro numa sociedade que já não tolera monitoramento e patrulhamento ideológico" (LIBANIO, 2006, p. 157).

Outra intuição do autor é que diante de um contexto de pluralismo das sociedades, como se verifica na situação pós-moderna, a experiência mística deve suscitar o diálogo, pois não é possível conviver com diferentes expressões de tradições religiosas, ou mesmo grupos sociais distintos, se não houver respeito, harmonia e paz. O diálogo é em si mesmo uma experiência religiosa e também um chamado à conversão constante. Não se trata de querer "converter" o outro, o diferente ao meu modo de pensar e de crer, mas sim a capacidade de crescer juntos através da atitude de escuta no caminho da busca pelo Eterno.

Martín Velasco pontua ainda a necessidade da personalização do Cristianismo em uma cultura da ausência de Deus, o que poderia ser superado por meio da mística do cotidiano. Em outras palavras, o Cristianismo só pode existir por meio de uma experiência que se dá num encontro, com uma pessoa, com Jesus Cristo. E na pós-modernidade, que prioriza a subjetividade, é oportunidade para a que a mística cristã ajude o sujeito a mergulhar na experiência do Mistério.

Conclusão

Enfim, a pós-modernidade apesar de se apresentar como um cenário marcado por tantos desafios à experiência de Deus, ela abre brechas para a experiência vivida a partir da mística cristã. Num mundo em que ressoam tantas propostas, se aquele que se diz cristão não faz uma experiência mística com Deus no sentido de se encontrar diante do Mistério Absoluto que dá sentido à sua existência, fatalmente abandonará a fé e sua prática, mesmo que racionalmente esta possa ter a sua credibilidade.

Em um momento de hipervalorização da experiência pessoal na construção do conhecimento, inclusive sobre Deus, o desafio ou convite de Martín Velasco a uma experiência de encontro pessoal com Deus em Jesus Cristo, por meio da mística, da oração, como fonte de vida, de humanização, é mais que substituir o debate de ideias pela experiência, é realizar o que é próprio do Cristianismo, é dar autenticidade à fé. A experiência de Deus no mundo pós-moderno é a oportunidade de conduzir o cristão a viver a mística.

Referências

BUBER, Martin. *Eclipse de Deus: considerações sobre a relação entre religião e filosofia*. Campinas: Verus Editora, 2007.

- CARRARA, Paulo Sérgio, CSSR. *A mística na encruzilhada da pós-modernidade*. Artigo publicado em 15 de julho de 2016. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1047986/2016/07/a-mistica-na-encruzilhada-da-pos-modernidade/> Acesso em: 20 de novembro de 2021.
- CRUZ, S. João da. *O amor não cansa nem se cansa*. São Paulo: Paulus, 2007.
- HERVIEU-LEGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- LIBANIO, João Batista. *Qual o futuro do Cristianismo?* São Paulo: Paulus, 2006.
- VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade*. Nihilismo e Hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- VELASCO, Juan Martín. *A experiência cristã de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- VELASCO, Juan Martín. *Invitación a orar*. Madrid: Narcea, 1993.
- VELASCO, Juan Martín. *Ser cristiano en una cultura pós-moderna*. Mexico: Universidad Iberoamericana, 1996.
- VELASCO, Juan Martín. *El fenómeno místico*. Estudio comparado. Madri: Trotta, 1999.
- RAHNER, Karl. *O Cristão do Futuro*. São Paulo: Cristã Novo Século, 2004.
- TAMAYO, Juan José Acosta. *Modernidad, secularización y crisis de Dios*. In: *Pa-sajes: Revista de pensamiento contemporáneo*, 2005, Número 16, pp.113-121.